



UMA DÚVIDA PERTINENTE

CF (Ref) Celso de Mello Franco

Desde o início de minha juventude fui aficionado por música, qualquer uma; menos a que surgiria mais tarde, o “rock pauleira”, que para mim não é música, e sim uma agressão aos ouvidos. Um estilo que, infelizmente, possui grande aceitação pela juventude de hoje, tendo em vista o sucesso do *Rock in Rio*, festival de música idealizado pelo empresário Roberto Medina, herdeiro do pai, Abraão Medina, meu saudoso amigo, grande incentivador dos espetáculos musicais, pela recém-criada TV, nos anos 50.

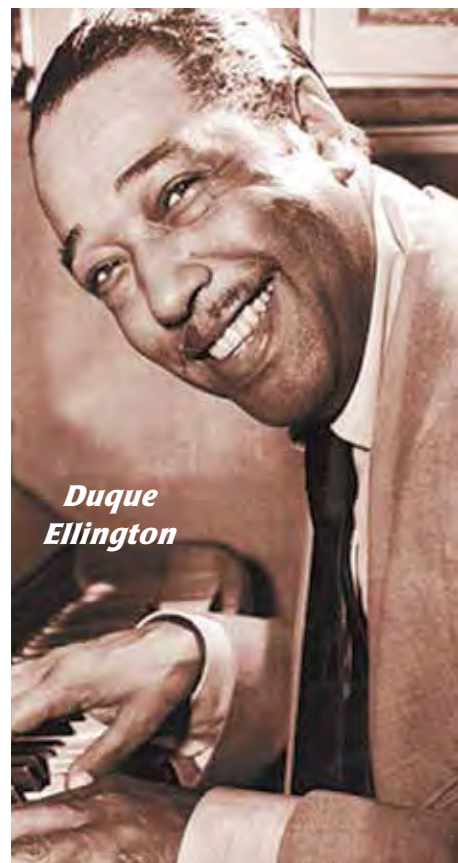
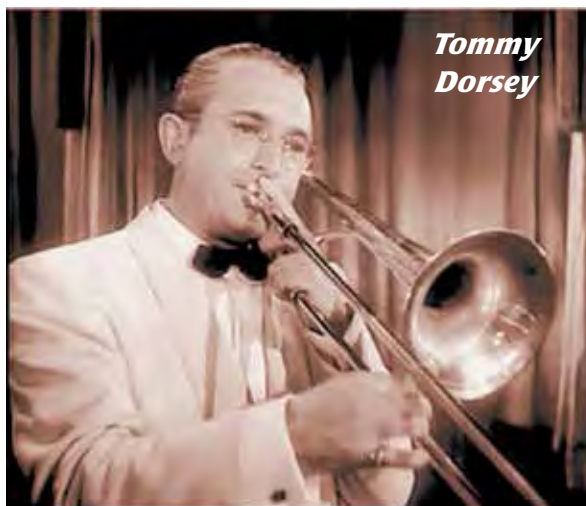
Este meu interesse surgiu exatamente na época das *big bands*, quando se destacavam as de Glenn Miller, Artie Shaw, Tommy Dorsey, Beny Goodman, Harry James, Duque Ellington, Count Basie etc., cujas músicas se eternizaram nas memórias de tanta gente. Foi, sem dúvida, o clímax da música dita de câmara e que tanto ajudou a manter elevada o moral das tropas dos Aliados, durante a Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945).

Quando entrei para a Escola Naval, em 1944, nos licenciamentos dos fins de semana, era, para mim, obrigatória a visita à casa Waldeck, em busca das novidades em discos de vinil de 78 rotações, para acrescer à minha, na ocasião, iniciante discoteca.

Havia, também, no final das tardes de sábado, na Rádio Cruzeiro do Sul, um programa transmitido diretamente dos Estados Unidos, intitulado *Your Hit Parade*,

onde tocavam as músicas mais votadas lá, na “terra do Jazz”. Neste programa havia também um duelo, não oficial, entre dois notáveis intérpretes da música americana, Frank Sinatra (iniciante) e Bing Crosby, já consagrado à época.

O iniciante, apoiado por um excelente *marketing*, levava para o auditório onde iria gravar, uma “claque” feminina



cujos gritos de aprovação faziam parte do programa.

Ambos foram inigualáveis, embora Bing Crosby, nas suas interpretações, já sofresse a concorrência de um jovem cantor, seu apa-

drinhado, com um timbre de voz parecido com o seu, chamado Perry Como.

Meu interesse por música popular foi recompensado quando, chegando ao último ano do curso na Escola Naval, fui encarregado do Salão de Música,



é que, no ano 2007, ao ir a este mesmo teatro a fim de assistir a um espetáculo musical, ao comentar com a bilheteira o fato de ali ter assistido a Frank Sinatra, ela disse: “Se o senhor, ao se retirar, sair pelo corredor à esquerda, irá se deparar com o cartaz do anúncio daquele evento”. Sem dúvida eu estava na Inglaterra, que cultura, como nenhum outro país, a tradição.



permitindo-me municiar o Corpo de Aspirantes com o meu gosto musical. O meu colega de turma, hoje almirante reformado, Luiz Edmundo Brígido Bittencourt, amante da fotografia, registrou-me (*foto acima*) sentado numa poltrona do dito salão, segurando um disco. Eternizou uma paixão.

Tive, como guarda-marinha, a oportunidade de assistir ao show do Frank Sinatra ao vivo, no Teatro Paladium, em Londres, no ano de 1950, por ocasião de sua primeira visita àquela cidade. O interessante





Do mesmo modo, em 1996, ao entrar no bar do Royal Hotel, em Mayfair, perto de Marbel Arch, ao assomar ao seu bar, em busca de um copo de chá gelado, face ao calor que fazia naquele verão, notei a decoração do ambiente, toda ela dedicada a Glenn Miller. Foi quando me dei conta de que o bar levava o seu nome. Curioso, ao perguntar ao meu atendente o porquê daquela homenagem, este explicou-me que aquele bar foi o último local em que ele esteve em Londres, antes de partir para o voo fatal, com destino a França, durante a Segunda Guerra.

Homenagem mais do que justa ao não apenas extraordinário *band leader* mas, principalmente, a um excelente arranjador.

Hoje, faço jus à definição de que “o homem pode se considerar velho quando vive de recordações”. Possuo, mercê de Deus, uma notável discoteca, com mais de dois mil itens, contendo, em sua maioria, o jazz em CD, em fita cassete e em “bolacha” de vinil. Costumo ouvir música durante o almoço e no período de, pelo menos, uma hora após a refeição, cochilando no sofá da sala de estar. O repertório é variado e abrangente, para todos os gostos, arriscando, às vezes, o clássico com Beethoven, Chopin, Mozart, Vivaldi e Wagner.

Evidentemente, não podia faltar em considerável quantidade, também, a NOSSA música, onde pontifica tudo que a “divina” Elizeth Cardoso gravou, de cuja amizade desfrutei, após tê-la recebido em meu gabinete de Diretor Geral de Trânsito, dada a sua dificuldade no exame de habilitação para motorista, uma vez que era



inibida pelo nervosismo. Saiu feliz e confiante, com a minha resposta ao seu apelo: “fique tranquila, vou designar uma examinadora que estará mais nervosa do que a senhora, pois é sua fã ardorosa”. E foi assim que ela se habilitou e criou-se entre nós forte amizade, tendo até um de seus discos autografado.

Também não me faltam os clássicos compositores e intérpretes da nossa riquíssima MPB (Música Popular Brasileira) e, como gosto exótico, o “cante hondo” e o “flamenco” oriundos da Espanha.

Tudo que aqui narrei foi a introdução para a minha dúvida pertinente, que é a seguinte: por que a música popular, no Brasil e nos Estados Unidos, trazidas da África pelos escravos em ambos os países, aqui gerou o samba e lá, o jazz?

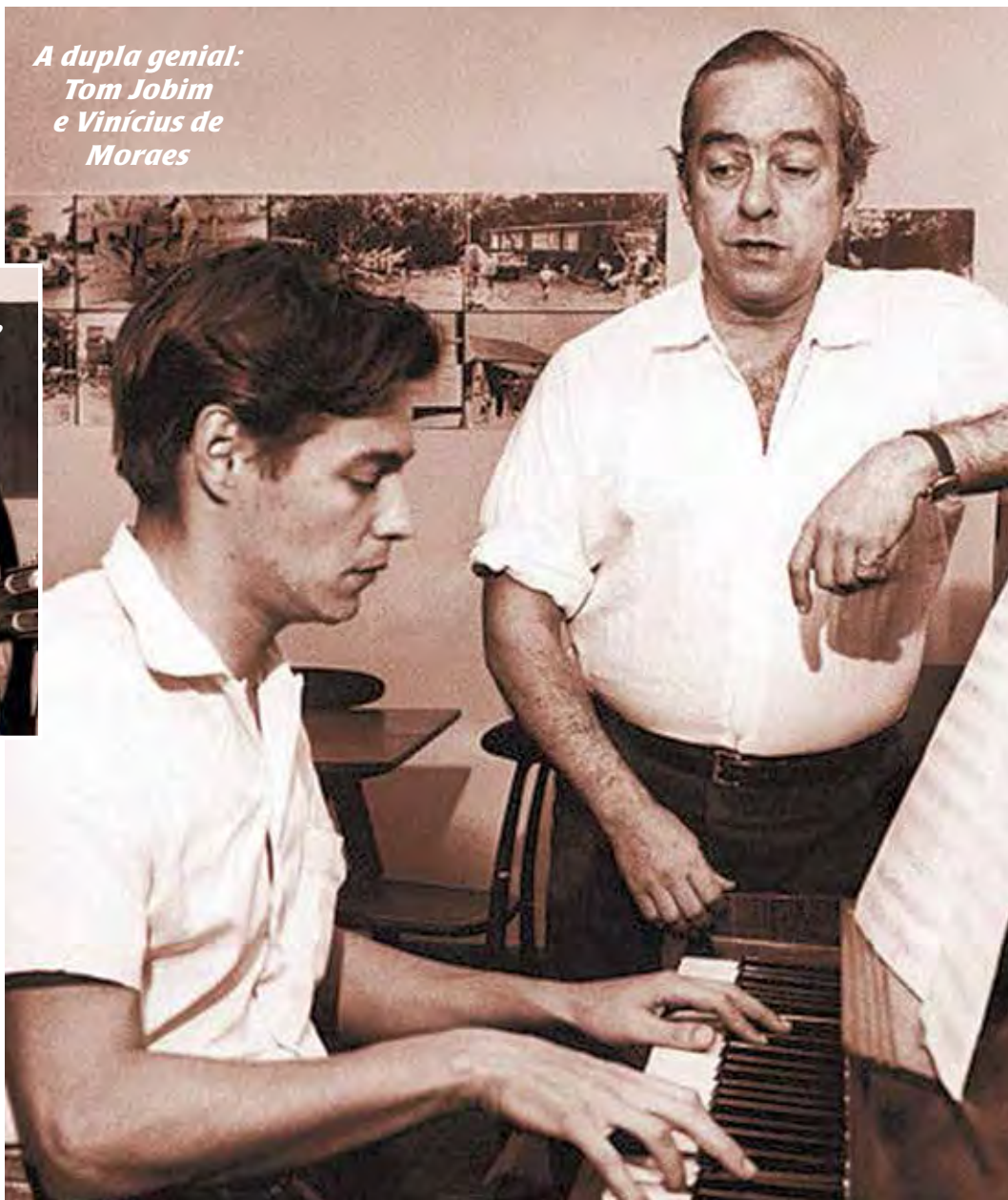
É bem verdade que o blues e o samba canção muito se assemelham. Que a bossa nova se aproximou do ritmo do jazz, comprovadamente no álbum *Standards in Bossa* da cantora Cecília Dale, interpretando clássicos como *Night and Day*, *I’m in the mood for love* e muitos outros, em ritmo de bossa bova, perfeitamente encaixado no seu ritmo original de jazz.

É ainda verdade que Dizzy Gillespie, em seu CD *Dizzy for President*, comenta que a bossa nova é, nada



*João
Gilberto, o
“inventor”
da bossa
nova*

*A dupla genial:
Tom Jobim
e Vinícius de
Moraes*



*O grande
Luiz
Bonfá*

mais, nada menos do que “um *slow* chá-chá-chá”. É, sem dúvida, uma agressão à genialidade dos nossos músicos e cantores que a criaram, principalmente João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Moraes e Luiz Bonfá.

Incapaz de encontrar respostas para minha dúvida, lembrei-me do amigo Luiz Orlando Carneiro, grande autoridade em jazz no Brasil, a quem estou ligado pela amizade de nossos pais, ambos juristas de grande competência, com raízes no subúrbio de Bangu e, pelo fato de tê-lo encontrado como redator no saudoso *Jornal do Brasil* quando, em 1968, começava minha atividade jornalística. Acima de tudo somos colegas de turma, hoje eu como “honorário” da brilhante turma DEDO e ele como membro da turma, durante o período do Colégio Naval.

Liguei para ele apenas me identificando com a expressão “saudações banguenses!”, o que o fez reconhecer-me prontamente, fruto do reduzido número de banguenses hoje existentes (inclusive eu que, desde 1969, sou flamenguista), pondo-o a par de minha dúvida, como escrevi no título deste artigo, pertinente.

Eis a sua competente explicação:

“O jazz não é um tipo de música, mas um modo de expressão musical, de raízes afro-americanas, tendo como causa formal o *beat* ou o *swing*, uma espécie de propulsão anímica que favorece, ritmicamente, a improvisação. Ou melhor, cria o ambiente necessário para que a execução instrumental ou vocal – total ou parcialmente improvisada – seja contemporânea da composição. O jazz tem uma pré-história, e uma história só pode ser compreendida e assimilada por quem se disponha a empreender, com base no registro por excelência, o disco, uma emocionante aventura ‘arqueológica’. Na ‘pré-história’ estão as raízes negras do jazz, tipos de música funcionais surgidos da adaptação sócio-cultural dos africanos e de seus primeiros descendentes na América do Norte. Assim, as *work songs* são rudimentares canções de trabalho, adaptadas ao ritmo do bater das marretas que fixavam estradas de ferro no Sul dos Estados Unidos, ou adaptadas à faina de colher algodão nas planícies da Luisiana.”

Esta é a explicação do “mestre” Luiz Orlando, carinhosamente a mim endereçada e que ainda prosseguia com uma dissertação sobre as diversas variações do jazz, excluídas por mim a fim não estender



demais este artigo.

Diante desta “aula” sobre o jazz, só me resta, humildemente, recorrer ao mestre Noel Rosa, o “Poeta da Vila”, para explicar a origem do samba quando escreveu:

***O samba na realidade
Não vem do morro,
nem lá da cidade
E quem suportar uma paixão
Saberá que o samba então
Nasce no coração.***

Claro que, predominantemente, no coração dos descendentes dos escravos.

Para terminar, um comentário autocrítico sobre tudo que tentei esclarecer, relativo à minha dúvida pertinente (o porquê dos dois tipos de música popular com as mesmas origens serem diferentes) copiando uma expressão usual na coluna de *O Globo*, do meu amigo Anselmo Gois, sobre a explicação de assuntos polêmicos:

“É, pode ser...” ■

**Mestre
Noel
Rosa, o
“Poeta
da Vila”**

